

PAISAGENS DA AGROBIODIVERSIDADE EM BANANAIS DO RIO GRANDO DO SUL

Cláudio José Bertazzo¹

Palavras-chave: Agroecologia, Sistemas Agroflorestais, Bananaís, Palmeira-Juçara .

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa procura caracterizar algumas experiências inovadoras na paisagem agrária do litoral norte do Rio Grande do Sul, notadamente vinculadas ao eixo das tecnologias agroecológicas em propriedades de agricultura familiar, a partir de uma renovação do paradigma da relação entre a sociedade e a natureza, na qual se observa uma agricultura em equilíbrio com o meio ambiente.

A área agrícola em estudo é ocupada pela cultura da banana, que embora não represente uma grande projeção nacional pela quantidade de toneladas produtivas, todavia está no centro das atenções nacionais devido ao alastramento da doença fúngica denominada de Sigatoka negra (*Mycosphaerella fijiensis*), presente nos pomares do norte do Brasil desde 1998, que agora chegaram aos pomares paulistas e paranaenses.

Nesse momento o Ministério da Agricultura e Pecuária está distribuindo recursos para que os estados produtores tomem medidas de precaução ao fungo. Como a doença ainda não tem um pesticida específico, isto é, não há uma solução farmacológica ideal para a Sigatoka negra, resta como uma alternativa ideal a busca de soluções ecológicas. Nesse sentido, a consorciação de culturas e manejo seletivo do mato no litoral norte do Rio Grande do Sul tem algumas lições para ensinar, pois têm experiências que já completam 15 anos de utilização do sistema agroflorestal – SAF - , e como já se pode observar o SAF, através do sombreamento do bananal pelo consorciamento com palmeiras e árvores caducifólias (árvores de fuste longo e copa reduzida: louro, sobragi, cedro, etc) apresenta um notório efeito para inibir a sigatoka negra. Também a literatura trás experiências nesse sentido, como por exemplo o trabalho de Alfonso M Garnica apresentado no 3º CONGRESSO BRASILEIRO DE SISTEMAS AGROFLORESTAIS, realizado na cidade de Manaus, AM em 2000: *“Uso de la agroforesteria para disminuir la severidad de la Sigatoka negra (Micosphaerella fijiensis) en el cultivo de plátano (Musa*

¹ Professor no Departamento de Geografia da ULBRA Canoas (RS); cbertazzo@cpovo.net.

AAB, Simmonds) en zonas de producción de economía campesina del piedemonte llanero de Colômbia (p. 319-322)” (VIVIAN, 2002, p. 26).

A preocupação com a doença tornou-se mais evidente com a afirmação de Emile Frison - diretor da Rede Internacional para o Aperfeiçoamento da Banana e Plátano (Inibap), com sede em Montpellier (França) - de que "Podemos estar certos de que a Sigatoka não perderá sua batalha, pois [...] logo que é obtido um novo fungicida, as doenças desenvolvem uma maior resistência" (revista britânica *New Scientist*, citado por Adriano Stephan Nascente - Pesquisador Embrapa Rondônia, em Agronline, disponível em <http://ww.agronline.com.br>; acesso em 20 Ago. 2004).

As bananas, cultivada em todos os estados brasileiros, são frutas comestíveis, destituídas de sementes (são estéreis), não oferecendo possibilidades de se obter novas variedades rapidamente, sendo a doença fúngica facilmente alastrada devido à monocultura, praticamente não restam alternativas no plantio convencional para preservação dos cultivares. E, considerando a importância social da bananicultura na geração de empregos (estimados em 500.000 empregos diretos), cuja quase totalidade da produção é consumida dentro do próprio país (segunda fruta mais consumida no Brasil – conforme o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) e o baixo nível de tecnologia utilizado na produção, o que torna seu cultivo acessível, essa atividade não pode ser desprezada e os problemas que a ameaçam devem ser estudados.

No que diz respeito a agroecologia, somente nessa prática é que encontramos um manejo capaz de inibir a difusão da Sigatoka negra, cujo procedimento eficaz está representado pelo consorciamento de culturas, o SAF, que procuraremos descrever através de algumas experiências que se realizam no litoral norte do Rio Grande do Sul, no eixo da rodovia federal Br 101. Inclusive, para nossa tranquilidade, resultados “preliminares apontam para a eficiência destes SAF em melhorar os níveis de cobertura do solo, reduzir impactos de doenças fúngicas e criar alternativas de renda mantendo produtividades niveladas com os padrões regionais” (VIVIAN, 2002, p.17).

DESENVOLVIMENTO

Desenvolver um projeto alternativo de sociedade, onde a produção alimentar possa ser revitalizada, passando a ser o cenário possível da manifestação como necessidade do aumento da produção. Isso dentro de um modelo diferenciado de sociedade, que não se fixa no capital, nos problemas da produção agrícola comercial (transgênicos, por

exemplo), mas nas possibilidades coletivas de desenvolvimento, construindo a plena cidadania na qual se insere a segurança e a soberania alimentar.

Com esse propósito, no município de Pedro de Alcântara (RS), próxima a cidade de Torre, ambas no eixo da BR 101, foram norteadas as ações do Centro Ecológico Litoral Norte, uma ONG criada para amparar e difundir as iniciativas agroecológicas na micro-região, resultado da associação de agricultores ecologistas. Essas ações se remetem ao ano de 1991 quando o Centro Ecológico realizou um curso sobre Agricultura Ecológica, em que se procurou apresentar e expandir o SAF, ministrado pelo Engenheiro Agrônomo Jorge Luiz Vivian. O evento, em meados dos anos 90, se propôs a difundir o plantio consorciado de bananas como prática para alcançar uma melhor qualidade dos produtos e também poder encontrar alternativas para a crise da bananicultura (VIVIAN, 2002, p.18).

A partir das experiências bem sucedidas, o grupo criou a Agroindústria Morro Azul, em Morrinhos do sul, onde industrializa o fruto do palmito juçara (*Euterpe edulis*), uma parenta da família do Açaí que se adapta muito bem entre os bananais, chegando ao volume de 5 Kg/ano de polpa em cada espécime, com valor de mercado equivalente a R\$ 15,00 o Kg, muito superior aos RS 3,50 conseguido por um Kg de palmito, que leva entre cinco e sete anos para crescer e produz uma única vez, tendo em vista o corte da palmácea para sua extração. No primeiro momento os agricultores propuseram-se a produzir palmitos, mas agora estão mais voltados à produção da polpa do açaí. Também, são utilizadas as exóticas palmeira imperial (australiana) no consorciamento da bananicultura.

No litoral norte – RS - funcionam muitos grupos e associações agroecológicas como por exemplo: Associação dos Colonos Ecologistas da Região de Torres – ACERT - (cerca de 30 famílias); Grupo Roça da Estância, em Mampituba (cerca de 7 famílias); Em Morrinhos do Sul; temos os grupos Rio da Panela (7 famílias) e APEMSUL (8 famílias), todos dedicado aos sistemas agroecológicos de fruticultura, com experiências nos sistemas agroflorestais.

O técnico da EMATER, Vivian, refletindo sobre a difusão e adoção dos SAF bananeiros, admite os seguintes passos:

- entender que a diversificação implica viabilizar um fluxo de mercado e formação/assessoria para manejo, colheita, processamento e venda de produtos que não estão no fluxo principal dos mercados estabelecidos na região;
- consolidar um banco de informações e dados de apoio que incorpore o saber local e o acadêmico, através de uma rede de investigação participativa, que gere

tanto ações por parte dos técnicos e agricultores interessados nos SAF, como políticas públicas de apoio. Estes são alguns dos fatores fundamentais (VIVIAN,2002, p.25)

Em cada um desses municípios há o apoio e assistência da EMATER – Empresa de assistência técnica e extensão rural, e ainda conta com o apoio da FEPAGRO – Fundação Estadual de Pesquisas Agropecuárias, com uma base instalada em Maquiné, que tem desenvolvido iniciativas SAF na bananicultura no município e na sua área de abrangência – Litoral Norte, que através do agrônomo Rodrigo Favreto, realiza experimento com 10 agricultores locais.

CONCLUSÕES

O estado atual da biodiversidade está relacionado com exploração indiscriminada dos recursos bióticos, com o empobrecimento dos solos, e com a poluição, entre outros fatores. Sobretudo, são resultantes do modelo de desenvolvimento não sustentável, principalmente através do consumo excessivo dos recursos naturais que promovem, também, o declínio da biodiversidade.

Nas últimas décadas praticamos uma agricultura comercial para exportação que tem sido prioritária em relação a produção de alimentos, por isso mesmo, essa agricultura tem perpetuado a fome e a desigualdade. Ao fortalecer a agricultura familiar, notadamente aquelas voltadas para a produção agroecológica, estão estabelecendo uma nova hierarquia de agricultura cujos resultados serão vistos em breve, especialmente no que diz respeito a sustentabilidade econômica, ambiental e no quesito da segurança e soberania alimentar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

VIVIAN, Jorge Luiz. **Banicultura em sistemas agroflorestais no litoral norte do RS.** Revista de Agroecologia. Ano 3, n. 2, abr/jun 2002.